

CulturESE

Boletim de Divulgação Cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa
9 de abril de 2018 a 23 de abril de 2018



3 EDITORIAL

4 EVENTOS NA ESELx

6 EVENTOS NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

9 HÁ VIDA PARA ALÉM DA ESE

13 SUGESTÃO

● EDITORIAL

Bem-vindos à edição nº109 do *CulturESE!* E bem-vindos também a mais uns Dias da Música, no Centro Cultural de Belém, este ano sob o signo do pecado e da sua possível redenção, ou seja, sob o signo de Hieronymus Bosch. A par de um ciclo de cinema, que já começou, e do festival jovem, que tem início no dia 21, o fim de semana musical propriamente dito estreia-se com a oratória *A Criação*, de Haydn, cujo coro, *Voces Caelestes*, é dirigido Sérgio Fontão, professor na ESELx. No último dia, as cantatas de Bach ou a *Sinfonia Dante*, de Franz Liszt, levar-nos-ão de novo até ao paraíso.

Na Escola Superior de Educação, dia 19 de maio, terá lugar o V Encontro de Literatura para a Infância, este ano orientado em torno de uma questão: Há assuntos interditos na Literatura Infantil? O programa de intervenções encontra-se encerrado, mas não as inscrições para o encontro. Para quem quiser ouvir Rodolfo Castro, Ana Sofia Paiva, Sara Reis da Silva, entre outros intervenientes, basta preencher o formulário de inscrição cujo endereço já está disponível online.

Para terminar, recomendamos a leitura das nossas duas últimas rubricas: no espaço entrevista desta edição, fomos conversar com José Batista Marques, pintor e escultor, que nos abriu as portas do seu atelier e do seu universo artístico. No espaço "Sugestão", Joana Campos recomenda a leitura de uma obra recém-publicada, *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual*, da autoria de Isabel Ventura, na qual é analisada a forma muito pouco justa como a justiça tem ajuizado e sentenciado sobre casos de abusos sexuais na sociedade portuguesa. A ler e a meditar.

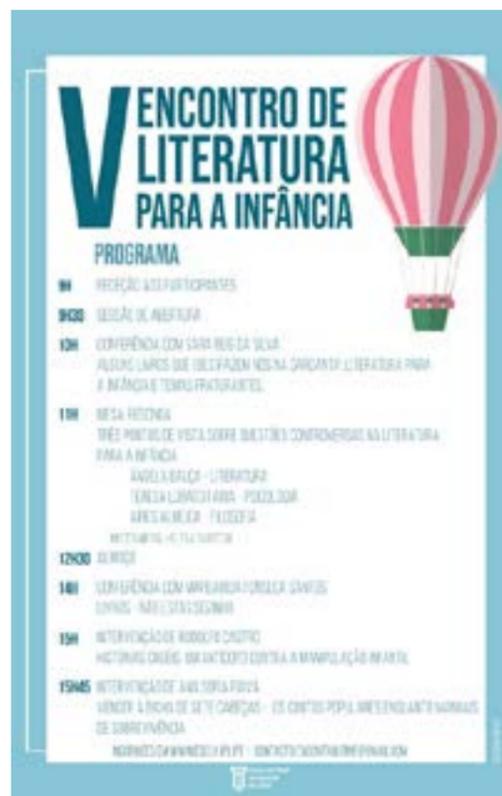
Boas escolhas, bons espetáculos!

EVENTOS NA ESELx

Encontro

V Encontro de Literatura para a Infância - Há assuntos interditos na literatura para a infância?
ESELx | Salão Nobre
19 de maio de 2018 | 9h30 - 17h30

O panorama da literatura para a infância tem-se diversificado nos últimos anos, quer através de obras vindas de outros países e culturas quer através da literatura que hoje em dia se produz em Portugal. Cada vez mais, descobrimos obras que abordam questões ditas sensíveis, a saber, questões que poderão ter um impacto forte no leitor, desencadeando nele emoções e reações intensas. Temas como a perda de uma pessoa próxima, a rotura e a desestruturação familiar, a sexualidade, a doença, por exemplo, começam, por via da ficção literária, a ser analisados e tratados nos livros para os mais novos. Assim sendo, a resposta à pergunta que escolhemos como título para este 5º encontro de literatura para a infância parece ser negativa: parece, em suma, já não haver assuntos proibidos no panorama da literatura para a infância. Se assim for, gostaríamos de ver debatida neste encontro a forma como se opera essa legitimação. Através da percepção que os adultos têm da infância? E quem decreta essa legitimidade? Com que fundamentos? Se, por outro lado, acharmos que ainda existem questões omitidas ou simplesmente ignoradas por este campo da literatura, como se estabelece essa fronteira? Com base em que princípios morais? Por fim, também gostaríamos de colocar à discussão o tema da interpretação literária no que respeita a esta categoria de obras: são estas vistas e entendidas da mesma forma pelos adultos e pelos mais novos? Que intencionalidades lhes atribuem uns e outros? O encontro contemplará duas conferências (Sara Reis da Silva e Margarida Fonseca Santos), uma mesa-redonda (Ângela Balça, Teresa Lobato Faria e Aires Almeida) e dois momentos de narração de histórias (Rodolfo Castro e Ana Sofia Paiva). As inscrições já estão a decorrer.



Contacto [aqui](#) | Inscrições [aqui](#)

Dia Aberto

11 de abril de 2018 | 10h00 - 12h30 | ESELx

A Escola Superior de Educação de Lisboa convida os estudantes do ensino secundário para o Dia Aberto. Com esta iniciativa, pretendemos divulgar os cursos de licenciatura que são lecionados na instituição. Depois da sessão de boas-vindas dada pela Presidência da ESELx, decorrerá um encontro com as coordenações de curso, em que será feita a apresentação dos planos de estudo dos cursos ministrados na ESELx, mediante uma conversa com os estudantes. Pelas 11h00, far-se-á uma visita à Escola, dinamizada pelos alunos.

Entrada livre

Conferência

8º ciclo de conferências de Ciências | ESELx | Anfiteatro
11 de abril de 2018 | 15h00

Nesta palestra, pretende-se abordar os problemas, os desafios e as soluções das fontes, da investigação e das tecnologias energeticamente sustentáveis com energias renováveis, decorrentes dos programas de investigação e desenvolvimento em conversão solar térmica, solar fotovoltaica, micro-eólica e smart-grids que se realizam no LNEG. Neste contexto, apresenta-se o Edifício Solar XXI (2005) como um bom exemplo nacional de conceito de edifício de "quase energia zero", assim como outros exemplos atuais nacionais de utilização de energia solar e eólica para climatização do ambiente, para satisfação das necessidades de energia elétrica e na demonstração didática para a formação de professores. A conferência será proferida pelo Engº David Loureiro, investigador do LNEG.

Paulo Maurício e Pedro Sarreira.

Entrada livre

Seminário

Sexualidade e género | ESELx
14 de abril de 2018 | 14h00 - 13h00

Este seminário, organizado por Ana Gama, Bianor Valente, Maria João Silva e Catarina Tomás contará com uma mesa-redonda e vários workshops, sobre violência no namoro, metodologias e estratégias sobre violência no namoro, educação e identidade, sexo, género e educação em contextos de educação.

Entrada livre

● EVENTOS NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

Música

Os dias da música | Tirai os pecados do mundo | Centro Cultural de Belém | Espaços vários
21 a 29 de abril de 2018 | horários vários

Observador minucioso e um dos artistas mais geniais do século XV, Hieronymus Bosch (c.1450-1516) criou todo um mundo perturbante e fantástico, satírico e moralizante, onde se retratam os vícios, os pecados e os temores que afligiam o homem medieval. Os Dias da Música em Belém deste ano inspiram-se neste mundo perturbante e fantástico das pinturas de Hieronymus Bosch. Partem da observação das obras do mestre flamengo e ramificam num sem número de relações, que vão desde o universo de Dante até ao mito de Fausto. Uma pluralidade de leituras que serão materializadas num Festival que se apresenta em forma de Tríptico, fórmula tão querida a Bosch. Começamos dia 26 de abril com um concerto no Grande Auditório que se revela como a Portada deste nosso Tríptico. Apresenta-se aí *A Criação*, de Joseph Haydn, obra fundamental que tem como base o Génesis e o *Paraíso Perdido*, de Milton, uma alusão ao mito da criação que também inspirou Bosch, e na sequência da qual se dá a primeira tentação, o primeiro pecado e a expulsão do paraíso. Aberto o Tríptico, damos com uma programação distribuída por três dias (27, 28 e 29 de abril), cada um deles correspondendo a um painel temático. Dia 27 de abril, exploram-se os Castigos, com obras como *A Danação de Fausto*, de Hector Berlioz, a partir da obra intemporal de Goethe, ou o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. No sábado, dia 28 de abril, o painel central deste festival será dedicado às Culpas, Pecados e Tentações Terrenas, num percurso por obras como *Os Sete Pecados Mortais*, de Kurt Weill e Bertolt Brecht, ou a ópera *Gianni Schichi*, igualmente extraída de um outro tríptico, este de Giacomo Puccini, estreado precisamente há cem anos. No domingo, dia 29, a programação será dedicada às Graças Divinas e à Reconquista do Paraíso, completando-se assim este ciclo que começou com a expulsão de Adão e Eva e termina com obras que nos levam de volta ao Paraíso, como a *Sinfonia Dante*, de Franz Liszt, o *Requiem*, de Gabriel Fauré, ou a oratória *Das Paradies und die Peri*, de Robert Schumann, a partir de Thomas Moore.

Programação Dias da Música.

Custo: preços vários | Saber mais [aqui](#)



"Hieronymus Bosch As tentações de Santo Antão (pormenor). Museu Nacional de Arte Antiga"

Exposições

Aniversário Museu do Oriente | Um museu do outro mundo | Museu Fundação Oriente
Até 3 de junho de 2018 | Terça a domingo | 10h00-18h00

O programa do 30.º aniversário da Fundação Oriente e do 10.º aniversário do Museu do Oriente tem início a 16 de março e prolonga-se até 27 de maio, com entrada e atividades gratuitas aos domingos. Índia, Coreia, Filipinas, Tailândia, Japão, Bangladesh, China e Timor são as culturas em destaque. Exposições, concertos, workshops sobre as mais variadas artes e técnicas orientais, aulas de yoga, dança tradicional e estampagem de tecidos, palestras, demonstrações e um street food festival com especialidades locais e asiáticas integram esta programação especial. Até final de maio, haverá ainda espetáculos de grande exuberância visual como danças tradicionais da Tailândia ou a performance de tambores Taiko, pelo grupo Ondekoza do Monte Fuji, Japão. A programação de aniversário arranca a 16 de março, com uma intervenção inédita de José de Guimarães no Museu do Oriente - "Um Museu do Outro Mundo - José de Guimarães nos 30 anos da Fundação Oriente e nos 10 anos do Museu do Oriente". Composta por 150 peças - que incluem objetos da coleção Kwon On (arte popular asiática) do Museu do Oriente, obras da autoria de José de Guimarães, criadas propositadamente para esta exposição, e peças da coleção de arte chinesa do artista. Curadoria Nuno Faria

Custo: 6 euros (adultos) (descontos vários) | Saber mais [aqui](#) e [aqui](#)



Boa viagem, Senhor Presidente! De Lisboa até à Guerra - 100 anos da primeira visita de Estado
Palácio da Cidadela de Cascais | **Museu da Presidência**
Até 29 de abril de 2018 | Terça-feira a domingo | 10h00-13h00 | 14h00-18h00

Nesta exposição, vamos contar-lhe a história da primeira vez que o Presidente da República portuguesa viajou até ao estrangeiro, há 100 anos. A Alemanha declarou guerra a Portugal em março de 1916, o que desencadeou um intenso debate no nosso País e levou ao envio de tropas para a frente de guerra na Europa. Em janeiro de 1917, partiram para a Flandres francesa os primeiros homens do Corpo Expedicionário Português (CEP) e no final do verão foi tomada a decisão da viagem presidencial. No dia 8 de outubro de 1917, Bernardino Machado partiu de comboio, da Estação do Rossio. Com o Presidente da República seguia uma comitiva de nove pessoas, entre as quais o primeiro-ministro - chefe do Governo, como se dizia na época -, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, além de 5 jornalistas. A viagem durou dezoito dias. A comitiva portuguesa passou por Espanha, França, Inglaterra e Bélgica. Durante o percurso, o Presidente Bernardino Machado foi recebido pelo Rei Afonso XIII de Espanha, o Presidente Raymond Poincaré de França, o Rei Jorge V de Inglaterra e Alberto I, Rei dos Belgas. Para a jovem República portuguesa - que contava apenas sete anos - este era um momento importante na busca do tão desejado reconhecimento internacional. Remontando a uma época em que viajar não era uma rotina, mas um acontecimento, esta exposição é também uma homenagem aos milhares de portugueses que combateram nas trincheiras da Grande Guerra.

Museu da Presidência

Custo: 2,5 euros (descontos vários) | Saber mais [aqui](#)



Teatro

Frederico Garcia Lorca | Dona Rosinha, a solteira, ou a linguagem das flores | Teatro Meridional
Até 29 de abril | Terça a Sábado | 21h30 | Domingo | 16h00

Rosinha é jovem e está apaixonada pelo primo, com quem vai casar. Vive numa casa de província com os Tios, por quem foi adotada. No entanto, os pais do noivo, por motivos de saúde, clamam a presença do amado, para que este os ajude na reabilitação de uma fazenda da família. Com dor, Rosinha e o noivo despedem-se em promessa mútua de ser breve a separação. Rosinha fica a preparar o enxoval, enquanto vai aguardando as cartas do seu amor. E o tempo passa e o tempo vai passando e as cartas escasseiam, a casa muda, o jardim envelhece, e muito, muito tempo passado, numa noite chuvosa, para não ser vista, Rosinha abandona a casa com o enxoval amarelecido e o cabelo quase branco. Encenação de Natália Luiza.

Custo: 10 euros (preço normal) | Saber mais [aqui](#)

● HÁ VIDA PARA ALÉM DA ESE



Entrevista a José Batista Marques

José Batista Marques, artista plástico, vive e trabalha em Lisboa. Tem uma vasta e variada obra, tanto pictórica como escultórica. O seu trabalho tem sido exposto, quer individual quer coletivamente, em Portugal e no estrangeiro, tendo a sua última exposição tido lugar na Galeria MCO, no Porto. Colabora regularmente com a Escola Superior de Educação de Lisboa, recebendo no seu atelier, na Costa do Castelo, alunos estagiários do curso de Mediação Artística e Cultural. Aceitou, em 2017, o desafio de ver o seu trabalho “traduzido” e introduzido junto do público infantil, pela perspetiva dos alunos de 2º ano de Mediação Artística e Cultural, mediante a construção de vários objetos destinados a dar a conhecer a sua obra junto do público mais jovem. Teve a gentileza e a amabilidade de nos conceder esta entrevista.

Como surgiu o gosto pelas artes, neste caso a escultura e a pintura?

Eu acho que veio da infância. Qualquer criança, qualquer ser humano tem um certo encantamento, deslumbramento por descobrir a imagem, por trabalhar a imagem, por trabalhar com o corpo, com a representação do mundo interior e exterior. Esse gosto esteve sempre em mim. Diria que foi na escola que se tornou mais visível, foi explorado por mim, e depois ajuizado, julgado por parte de um professor, por parte dos colegas. É um gosto que provém do facto de estarmos a fazer alguma coisa com paixão e ao mesmo tempo com um certo desprendimento e de isso ser apreciado por aqueles que nos rodeiam... Mas não consigo determinar um momento preciso para essa descoberta, a não ser na fase da adolescência, em que há que tomar opções, escolher caminhos de vida, no sentido de eger uma área que esteja de acordo com uma determinada vocação.

Que temas costuma abordar e que lhe dão mais prazer retratar nos seus trabalhos?

Cada trabalho obedece a uma forma especial de expressar determinados temas, determinados interesses. Na escultura, interessam-me certas questões, na pintura interessam-me outras... Mas há fases: houve temas que me interessaram em determinados momentos da minha vida; hoje, interessam-me outros. De uma forma geral, interessam-me os temas relacionados com a própria vida: a inconstância, a imponderabilidade, a finitude, a sua beleza, o encantamento desse limite que é a nossa existência. Mas tudo isso combinado com uma certa dimensão de humor, sarcasmo, ironia. Alguns temas mais árduos, se forem trabalhados de certa forma, quando enquadrados num novo contexto, podem sofrer uma transformação. Na escultura, atualmente, interessa-me explorar o papel mais tridimensional dos objetos e trabalhar as questões ligadas à representação e à figuração. Ao conferir um enquadramento quase surreal a determinados objetos que estão aprisionados num contexto, operamos neles uma pequena alteração de sentido, e estes ganham uma outra dimensão.

Fizemos algum trabalho de pesquisa e notámos que havia uma forte presença do mar nos seus quadros. Existe alguma razão especial para essa escolha?

A razão é conceptual. O mar, no meu trabalho, aparece em função do que representa; diria que é um elemento que permite, de facto, dar asas à nossa imaginação, dar asas à nossa capacidade de navegação. Falo aqui, se calhar, na perspetiva da nossa identidade lusitana, que tanto nos acompanhou noutros tempos, com os grandes navegadores e descobridores. Acho que, novamente, vivemos em épocas de navegações, ligadas a uma dimensão mais tecnológica. E é essa dimensão conceptual que me agrada. O mar, hoje, também é a metáfora de uma realidade altamente tecnológica, cibernética, até. Mas também aparece ligado a uma consciência ecológica. Ou seja, é um motivo que envolve imensas questões. Eu, como português, sou alguém também ligado a este território, a esta identidade cultural, em que o mar teve e tem uma grande importância.

Algum artista, em particular, o inspira para a realização das suas obras? Qual? E Porquê?

Os artistas são a minha grande inspiração, os meus grandes medos, são os meus grandes monstros, são os meus grandes pesadelos e sonhos. Há artistas que me inspiraram, obviamente; há artistas, que, de repente, eu tenho vontade de destruir, de esmagar pela sua genialidade. São tantos, enfim, mas obviamente que há aquele fascínio de querer imitar, por um lado, copiar, por outro. Os artistas do passado são os meus pais, no sentido em que me inspiraram a seguir um caminho ligado às artes. Todos eles são muito inspiradores e, obviamente, grandes referências. Lembro-me de, às vezes, ficar totalmente desolado, prisioneiro dessa angústia, quando vejo uma exposição que me toca e que me coloca numa espécie de estado de redenção, quase diria de falta de necessidade de pintar: "Para quê pintar?", "Porquê trabalhar?". Alguém já o fez e fê-lo de uma maneira tão celestial, tão magnífica, tão fantástica; e isso reduz-nos quase a uma insignificância. Acho que é uma fase, uma espécie de aprendizagem. Mas, simultaneamente, a partir do momento em que tentamos criar uma identidade pessoal, temos de começar, aos poucos, a "matá-los", como disse há pouco. Ao mesmo tempo, isso também nos dá um alento para tentarmos caminhar, e espero que algum do meu trabalho também consiga devolver isso a alguém. É essa a magia das artes, o momento em que são transmitidas como pequenas fagulhas que incendeiam a criatividade que existe em cada um de nós. Tenho de facto muitas referências: gosto, por exemplo, da arte que é feita a partir da pobreza do material, ou a arte um pouco deslocada de toda uma lógica académica. Toda a arte bruta também é uma grande influência para mim: essa desconexão de todo um contexto e um sistema de funcionamento da arte, esse olhar por parte de um *outsider*, alguém que está completamente desligado do processo de validação e legitimação de uma obra de arte. Alguns artistas ligados à arte pública também têm o seu fascínio, numa perspetiva mais ligada à própria gestão da obra do que à obra em si; interessa-me também esse lado sociológico do que é uma obra na sociedade contemporânea.

Se tivesse de definir o seu trabalho em apenas uma palavra, qual seria? O que justifica a sua escolha?

Eu acho que o meu trabalho é poderoso. E porquê? Porque tem poder lá dentro, tem o meu poder, tem aquilo que eu consigo alcançar, tem os meus conhecimentos, tem a minha energia, tem as minhas dores, tem os meus prazeres, e tudo isso, em algum lugar, poderá estar secretamente circunscrito: num tema, numa cor, num gesto, numa pincelada. Por vezes, esse poder parece completamente oculto, mas eu quero pensar que os trabalhos têm essa carga poderosa de conter qualquer coisa, essa energia criadora... Talvez tenha sido isso que eu

encontrei em alguns outros trabalhos... e quando digo poder, até pode ser numa perspetiva muito tranquila, de serenidade, quase um acaso; não no sentido de ser uma obra avassaladora ou espetacular, pelo contrário, algo que tem muito mais a ver com a dimensão de intimidade daquele artista. E espero que o meu trabalho reflita essa palavra, essas ideias.

Sabemos que já expôs as suas obras fora de Portugal. Onde e em que contextos?

Eu apresentei a minha obra em diferentes contextos e sob diferentes formas, em exposições individuais, em exposições coletivas, em concursos ou em representações de coletivos de artistas portugueses. Em 2007-2009, integrei um grupo jovens criadores cujas peças estiveram em trânsito por diversos países da Europa. Já organizei eu próprio exposições, fiz essa curadoria; responsabilizei-me por selecionar um conjunto de obras e trabalhos, por exemplo, para um projeto que realizei no Luxemburgo. Já participei também em concursos internacionais; algumas vezes fui vencedor, outras finalista. Mostrei o meu trabalho de diferentes formas, em Espanha, no México, em França, em Inglaterra.

Na sua opinião qual é a importância da arte na sociedade contemporânea?

A arte sempre nos acompanhou desde os tempos mais remotos. Eu acho que continua a ter exatamente o mesmo valor, sinceramente. O mundo só faz sentido com a presença da arte. Não faz sentido um mundo sem a presença de artistas. Por isso, se fala de Deus como demiurgo e criador. A ideia de criação está ligada à essa dimensão artística. Poder dar à existência um outro sentido, um outro significado.

O panorama da arte em Portugal tem evoluído?

Portugal, tanto na arte como noutras áreas, é um poço de talento, um poço de grande capacidade de trabalho, de dedicação e de expressão. Nós temos autores ligados ao mundo do cinema, da literatura, à escala mundial. E nas artes a mesma coisa. Aos poucos, a arte está a ter alguma visibilidade social, é um facto, e isso contribui para o surgimento de determinados artistas ligados a uma cultura ou uma contracultura, nomeadamente no que toca à arte pública, que está a ganhar importância. Hoje, a arte contemporânea portuguesa está sob uma estrutura semelhante àquela que existe em termos internacionais, ou seja, os modos de funcionamento desse sistema já estão mais claros, mais tipificados; portanto, já existe um olhar e uma capacidade de conseguir definir o que é arte contemporânea, como são os modos da sua ligação com as estruturas políticas, o que é a dimensão da erudição, o que é a cultura erudita e as relações que esta estabelece com as estruturas de apoio, como os modelos de financiamento do Estado, das autarquias, por exemplo. Existe mais conhecimento, mais sabedoria nessa área, existem mais agentes culturais capazes de partilhar esse tipo de conhecimento, no âmbito da curadoria, da museologia. Em que medida isso é positivo para a arte em si? Tenho as minhas reservas, porque, à partida, continuamos a ter muitas dificuldades. Todo o setor cultural está ainda a tentar alcançar a meta de 1% do orçamento de Estado. Mas eu acho que a arte portuguesa contemporânea está de boa saúde, com grande vitalidade. Estamos num país que tem captado muito bem todo o impulso turístico. E estamos aos poucos a tirar proveito disso.

Visto que esta entrevista vai ser publicada no CULTURESE, da Escola Superior de Educação de Lisboa, uma instituição formadora de futuros professores e educadores, considera que a arte é importante na vida de uma criança? De que modo?

Logo na primeira pergunta referi essa questão, o que é curioso. As crianças são seres extraordinários, são verdadeiros artistas; há um poder nelas de conquistar o mundo, de infantil e inconscientemente, querer conquistá-lo, a cada gesto, a cada sorriso que têm perante um pai, uma mãe, um amigo... A criança é uma fonte de inspiração, de trabalho, acho que nos devemos concentrar em não matar a nossa criança interior ao longo da nossa vida... Esse lado da infância é muito importante e, portanto, devemos fornecer às crianças uma perspetiva cultural, e fazer disso uma experiência enriquecedora, quer para quem ensina, quer para quem aprende... A pedagogia e a andragogia são temas fascinantes; acho que o ensino artístico ao longo de uma vida é tão importante, ainda que a minha experiência - sou também professor - não esteja direcionada para essas faixas etárias, mas sim para a adolescência, para um ensino pré-universitário.

Quais os seus projetos para o futuro?

Tenho diversos projetos. Estou a trabalhar em várias frentes. Estou a trabalhar em torno da adolescência. Pensar no lugar da adolescência como lugar de relação ligado a um passado, a um presente e um futuro. Portanto há essa associação. É pensar na adolescência como um lugar de rebeldia, de rebeldia construtiva. Portanto, este é um tema que me está a agradar trabalhar, se bem que eu já tenha trabalhado esses temas ligados à representação de uma *vanitas*, por exemplo, à questão da efemeridade da vida e ao sentido dessa efemeridade. Este é, portanto, um projeto que eu agora estou a desenvolver. Tenho trabalhos paralelos ligados à arte popular, na tentativa de recuperar através da escultura uma expressão mais tradicional e misturá-la com a expressão da arte contemporânea. Mas ainda não tenho, por enquanto, um projeto definido com datas marcadas. Estou a trabalhar nisso. Os trabalhos e os projetos estão a ser desenvolvidos.

Como se organiza esse processo?

O meu trabalho passa por fazer uma série de peças, reunir um conjunto de trabalhos para que depois possa fazer uma seleção. Mas passa igualmente por não levar as coisas assim tão pensadas até ao momento da exposição. O momento da exposição é um momento de criação também. Já passei por outras fases em que as coisas iam completamente definidas, mas depois ficava sempre um gosto amargo, porque já estava tudo pensado, tudo feito, e não havia um gosto ligado a esse lado da descoberta e da surpresa. O que estou agora aqui a fazer é reunir um conjunto de trabalhos, e ver, quando forem colocados no local, que importância ganham, que tipo de relação estabelecem uns com os outros. Na última exposição que fiz, no Porto, inverti um pouco o lugar da pintura, coloquei-a quase sob o peso da gravidade. Ora, a pintura, de certa forma, contraria um pouco esta nossa condição de seres presos à gravidade. A pintura é sempre um lugar de elevação, é sempre colocada normalmente num eixo vertical, a uma determinada altura do nosso olhar, e, nesta exposição que fiz, questionei um pouco isso: as pinturas estavam assentes em pedras, que no fundo eram umas esculturas. As pedras, portanto, estavam a puxar a pintura para a terra, para um centro da terra. As esculturas, por sua vez, estavam numa parede. As esculturas eram feitas para serem vistas tridimensionalmente, pela lógica da escultura, mas, à partida, há sempre um lugar secreto onde a escultura assenta, ou seja, a sua base. Ali, o que fiz foi colocar os objetos na parede. Agradava-me a ideia, por parte de quem via, de tentar procurar o que estava lá atrás, ou seja, de tentar contornar a escultura e de ser impedido de o fazer, devido à existência da parede. Se calhar é isso, se calhar, a arte e os seus mestres têm os seus lugares secretos e inacessíveis.

Entrevista realizada por Matilde Braz, Carolina Araújo e Helena Barroso

● SUGESTÃO

A publicação do livro *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual*, editado pela Tinta-da-China no passado mês de março, faz-nos retomar algumas das discussões a que temos vindo a assistir nos últimos tempos.

A escrita deste livro resultou de uma pesquisa aprofundada, da autoria de Isabel Ventura, que se ocupou, na sua tese de doutoramento - *Medusa no Palácio da Justiça - Imagens sobre mulheres, sexualidade e violência a partir dos discursos e práticas judiciais* -, da análise sobre o modo como as conceções de género determinam as decisões judiciais em casos de violação sexual em Portugal.

A autora concluiu que as decisões dos juízes têm sido marcadas por interpretações assentes em perspetivas conservadoras, que são maioritariamente empáticas e compreensivas para com os agressores e desconfiadas face às vítimas. Se houve "uma época em que a violação podia ser perdoadada, se o agressor casasse com a vítima, para reparar o mal feito à família (e não à mulher)" -, como se pode ler na sinopse disponível no site da editora a propósito do lançamento deste livro -, na atualidade, esperamos que o sistema judicial garanta a punição dos agressores e promova a reparação dos danos das vítimas. Mais, esperamos que os tribunais emitam, de modo claro, a condenação de atos de agressão sexual, quaisquer que sejam os agressores e as vítimas. Se as decisões judiciais, pelo contrário, se mantêm subsidiárias de representações sobre a masculinidade, que se afirma pela incontrolada e justificada vontade de "possuir" outrem, nestes casos mulheres, e se essas mulheres só serão consideradas vítimas quando provarem ter resistido e não ter "provocado" tais ataques, então compreendemos que há ainda um longo caminho a percorrer, por todos.

A representação de uma dominação masculina na sociedade portuguesa mantém-se, de facto, presente e com manifestações públicas diversas e não apenas ditadas pelas decisões judiciais. Recorde-se, em 2017, o caso "Palito" e as palavras de Ricardo Araújo Pereira na sua crónica "Justiça para Totós": "O caso de Manuel Palito, vitoriado à entrada do tribunal depois de ter matado duas mulheres e baleado outras tantas, talvez tenha sido o primeiro indício desta nova e fresca abordagem ao conceito de justiça, que entende a vítima como uma pessoa que, no essencial, é sonsa, e o criminoso como alguém que, tendo lá as suas idiosincrasias, acaba por, fundamentalmente, ter azar com as companhias (por exemplo, quando trava conhecimento com a vítima)." (Revista *Visão*, 21.11.2016)

A publicação deste livro, resultante de atividade investigativa científica desenvolvida em Portugal, na paisagem da atual discussão feita sobretudo nas redes sociais e pelos órgãos de comunicação social em torno das denúncias de assédio sexual e movimentos como o #MeToo, traz, certamente, contributos para discutirmos sobre as questões das relações sexuais em geral e da violência sexual em particular. Deixo alguns pontos para reflexão e, quem sabe, discussão a ter no espaço da nossa escola. Um primeiro ponto prende-se com a polarização entre situações como a descrita neste livro sobre a sociedade portuguesa (situação que não será exclusivamente nacional. Vejam-se os casos que nos últimos dois anos têm sido continuamente anunciados em países como Índia e Brasil, a propósito de violações coletivas), em que cabe às vítimas demonstrar que resistiram para que se considere que houve agressão, e as situações vividas em Hollywood em que a denúncia numa qualquer rede social resulta num (quase) imediato julgamento e acusação sumários do potencial agressor. Um segundo aspeto a considerar tem a ver com a defesa e justiça relativamente aos

casos em que a vítima de agressão sexual é um homem, situação que, numa sociedade como a nossa, faz com que este deixe de ser considerado como tal, sendo nestes casos muito mais difícil o apuramento da prova das agressões. Um terceiro ponto diz respeito ao poder que pode ter a discussão escolar em torno das diferenças, desigualdades e violência, fora do campo sexual.

Joana Campos



Comissão Editorial

Helena Barroso
Cátia Rijo
Matilde Braz
Carolina Araújo

Design gráfico

{DESIGNLAB4U}
Rafaela Tomé
João Vasconcelos

Contacto

culturese@eselx.ipl.pt